Bambini brasiliani: a infância das crianças italianas e ítalo-brasileiras,
de Eliane Mimesse (Org.)

Jundiaí: Paco, 2013.

Juarez José Tuchinski dos Anjos

Doutorando em Educação. Linha de História e Historiografia da Educação
Universidade Federal do Paraná
juarezdosanjos@yahoo.com.br

Na obra organizada por Eliane Mimesse – *Bambini Brasiliani: a infância das crianças italianas e ítalo-brasileiras* –, ela, Carlos Bacellar, Elaine Maschio e Terciane Luchese oferecem significativa contribuição às historiografias da imigração italiana, da infância e da educação no Brasil, na passagem do século XIX para o XX. O livro contém ainda um prefácio de Marta Carvalho, proporcionando, além de uma chave de leitura da obra – a brincadeira infantil –, breves e instigantes notas acerca da escrita da história, em particular, quando o historiador se debruça sobre objeto tão fugidivo e ao mesmo tempo fascinante: a infância.

Na *Apresentação*, é justamente sobre o modo como os historiadores convidados se propuseram a encarar esse objeto histórico que se detém Eliane Mimesse, destacando as perspectivas empíricas, teóricas e metodológicas que nortearam as investigações. As memórias de imigrantes, obtidas em entrevistas ou textos memorialísticos, foram eleitas empiria fundamental para capturarem-se vestígios das experiências de ser criança em cada um dos espaços e períodos estudados (p. 6). Para enxergar, nessas memórias, a presença e participação dos pequenos, os autores precisaram

demarcar, em nível teórico, os conceitos e concepções da infância, sem os quais não seria possível a análise que almejavam. Assim, os capítulos que compõem a obra “[...] versam sobre a infância, entendida como um período da vida, abordam as ações concretas das crianças neste tempo de suas vidas” (p. 8). Metodologicamente, partiram das memórias de infância, contrastando-as ora com a historiografia acerca da imigração italiana, ora com outras fontes disponíveis (p. 6). O resultado são imagens bem matizadas, através das quais, nos três primeiros capítulos, procurou-se evidenciar as experiências de ser criança em três regiões de colonização.

Em *As aventuras e desventuras cotidianas das crianças em São Caetano no início do século XX*, do desembarque à fixação em terras paulistas, Mimesse acompanha o cotidiano das crianças numa colônia italiana. A criança da qual fala vivia em famílias numerosas (p. 28), recebia nomes que muitas vezes homenageavam parentes queridos (p. 30) e ainda desconhecia o hábito da comemoração do aniversário (p. 32). Já a infância que viveram foi marcada por rituais familiares como as caminhadas noturnas para os meninos (p. 34), o trabalho em casa ou nas olarias da região (p. 35-41), a rápida passagem pelas escolas (p. 41-44) e as brincadeiras infantis (p. 45-48), com especial destaque para algumas que envolviam adultos e crianças, confirmando assim que a convivência entre gerações era uma constante na vida dos imigrantes, não só nas duras lides do dia a dia, mas também no lazer.

Em *A infância contadina nas colônias italianas de Curitiba, no Paraná*, de Elaine Maschio, começa a ficar evidenciado para o leitor o quanto a vida da criança, mesmo em diferentes colônias, possuía mais semelhanças do que diferenças. Assim, para além dos dados já trazidos por Mimesse – com significativas variações, é claro –, vale destacar nesse capítulo algumas especificidades que o olhar de Maschio soube capturar na região por ela analisada, tendo por chave de leitura o fato de que essa infância era, sobretudo, *contadina*, isto é, camponesa. Em relação à vida familiar, enfatiza o caráter patriarcal da família italiana, ainda por cima extensa, o que acarretou sensíveis privações materiais para boa parte delas (p. 59-61). Relativamente à educação familiar, destaca o quanto “[...] a aprendizagem do trabalho com a terra assegurava a perpetuação do *éthos* camponês imigrante” (p. 62). Nesse aprendizado, os papéis de gênero iam sendo evidenciados para a criança desde a infância (p. 63-65). A presen-

ça da Igreja é outra marca característica da vida da criança camponesa nas colônias paranaenses, o que fica demonstrado pelo elevado número de pessoas que desde a infância foram direcionadas por suas famílias para abraçarem a vida religiosa (p. 66-71). Por fim, escolarização e brincadeiras também são aspectos estudados e analisados (p. 72-88).

Em *A Infância entre imigrantes e italo-descendentes no Rio Grande do Sul*, Terciane Luchese identifica práticas e rotinas semelhantes às já mencionadas, mas vividas em uma região na qual as colônias tinham ares mais urbanizados, o que oferecia experiências peculiares à infância imigrante. Quando no campo, os primeiros aprendizados se davam no “filó”, encontros noturnos das diferentes famílias, em que as mães contavam histórias aos filhos (p. 101) e em que esses aprendiam a tecer a “dressa” (trança com palha de trigo), que dava origem a chapéus e sacolas (p. 111). Outro momento significativo da vida infantil eram as “sagras” (festas dos padroeiros), ocasião em que roupas novas eram oferecidas aos pequenos (p. 102). Os que viviam mais próximos dos incipientes núcleos urbanos, já participavam do carnaval (p. 104) mas também eram iniciados em outras formas de trabalho, como o aprendizado de ofícios, como aprendiz de um artífice mais experiente, mediante contrato com os pais ou, então, o emprego junto de adultos nas indústrias locais, as metalúrgicas (p. 118). Como nos demais capítulos, brincadeira e escola são tópicos abordados.

O último capítulo, *A criança e a infância nos desvãos dos acervos arquivísticos*, de Carlos Bacellar, diferente dos demais, oferece apontamentos metodológicos que podem ser adotados no estudo da história da infância, funcionando como uma espécie de convite aos pesquisadores-leitores que, finda a leitura da obra, decidam-se por investigar também o canteiro da história conformado pelas experiências das infâncias. Servindo-se de seu conhecimento de fontes geralmente utilizadas pela demografia histórica, Bacellar vai destacando as inúmeras possibilidades dos registros eclesiásticos (p. 134-139), censitários (140-142), cartoriais (143-144) e escolares (p. 147-148) para o estabelecimento de “[...] interpretações sobre a vida das crianças em nosso passado” (p. 149).

O livro oferece dupla contribuição: acadêmica, pelas razões aqui já expostas, acrescidas do fato de que solidifica nosso conhecimento sobre o passado e aponta perspectivas para futuras investigações; mas também uma contribuição à memória da imigração italiana no Brasil, na medida

em que certamente despertará em muitos descendentes (como despertou em três dos quatro autores da obra) o desejo de saber mais sobre seus antepassados, especialmente colocando, dentre eles, a criança como agente dessa história, feita de contatos entre culturas, mas também entre gerações. Quem sabe, não contribuirá ainda para que outros descendentes, ao lerem o livro, atentem para preciosas fontes esquecidas nas gavetas de antigas casas, que merecem ser preservadas e disponibilizadas aos pesquisadores que, a partir de provocações como as de *Bambini Brasiliani*, queiram dedicar-se ao estudo dessa fatia da realidade histórica passada.